

PONTUAÇÃO NO MSN: RAZÕES PARA SUA OMISSÃO

Marilene Barbosa Pinheiro – Seduc/CE
Regina Cláudia Pinheiro - UECE -Tauá/CE

Resumo: O contexto de produção define, em parte, o tipo de linguagem a ser utilizada em cada gênero. Assim, naquele em que a comunicação escrita é síncrona, como é o caso dos bate-papos estabelecidos no MSN, os interlocutores criam estratégias de utilização da língua especificamente para esse ambiente. Ampliando os trabalhos de descrição e análise nessa área, procuramos nesse estudo, verificar as razões pelas quais os internautas utilizam esse tipo de linguagem. Este trabalho, recorte de uma pesquisa mais ampla, objetiva investigar porque os usuários do MSN omitem ou não a pontuação em suas interações e em que nível as variáveis idade, sexo, escolaridade e frequência de uso influenciam essa omissão. Para tanto, enviamos um questionário, através de um Orkut, o qual buscava definir o perfil do respondente e sugeria frases para que este as registrasse simulando um bate-papo no MSN. Posteriormente, de posse das respostas, perguntamos aos mesmos entrevistados as razões que os levavam a usar ou não a pontuação. Verificamos, através dos dados coletados, que *pressa e não fazer diferença* foram as razões mais apontadas para o pouco ou o não uso da pontuação. Os sujeitos que afirmaram usar a pontuação somente às vezes deram como justificativa para o uso o fato de que o seu colega poderia não entender o sentido da frase. Foi possível inferir que, por esse ambiente ter uma escrita muito próxima da fala, a comunicação ser bastante contextualizada e ainda ser possível o interlocutor tirar suas dúvidas em tempo real, a falta da pontuação nesse contexto não compromete a compreensão do texto.

Considerações iniciais

O presente trabalho nasceu de nossa curiosidade em descobrir a razão por que usuários do MSN¹ não utilizam a pontuação em suas interações. Na busca por alcançar esse objetivo, porém, necessário se fez constatar, inicialmente, em que nível esse recurso não era aproveitado pelos internautas, para então chegarmos à razão disso.

Creemos que os sinais gráficos, quando devidamente usados, permitem leitura expressiva e de fácil compreensão por parte do leitor, apesar de termos consciência de que o uso da pontuação nem sempre se efetivou com esse propósito, já que os sinais nem sempre foram empregados como hoje se faz.

Como, quando e por que surgiram os sinais de pontuação?

A pontuação de textos não surgiu concomitante à escrita, mas acompanhou o seu desenvolvimento e cada elemento foi sendo usado para atender necessidades diversas. Como se sabe, na fala, são utilizados outros componentes como a entonação, os gestos, as expressões faciais, a ênfase, o ritmo

etc., e alguns sinais de pontuação são usados para cumprir a função de representar tais componentes da fala, embora não completa e fielmente.

Historicamente, conforme registro de Cereja (1998), eles surgiram com funções diferentes das atuais, no início do império bizantino (330 a 1453). Foi o caso do ponto final, usado como uma forma de separar uma palavra da outra, já que os espaços em branco entre as palavras só apareceram no século VII, na Europa. Desde então, tal sinal passou a encerrar a frase.

Segundo relato histórico de Catach² (1988, *apud* Prestes, 2003), a pontuação surgiu para auxiliar o escriba e só depois seu uso foi estendido como auxílio ao leitor. Também foi vista como uma tendência da época ou estilo de um autor para efeitos de expressividade. No século XIX, seu uso tornou-se intenso e virou moda; no século XX, o mais comum era não pontuar.

Na medida em que o uso da pontuação ia sendo disseminado, sinais gráficos iam sendo acrescentados com funções específicas para atender também a

propósitos específicos. Não basta, portanto, conhecer os diversos sinais de pontuação e utilizá-los indiscriminadamente, a nosso bel-prazer. Torna-se imperativo usá-los conscientemente, para atingir os propósitos aos quais se destinam.

Uso atual da pontuação

Pontua-se para efeitos de expressividade, para obedecer a princípios lógicos e gramaticais e, de modo geral, para tornar a escrita clara e fácil de entender, conforme ressalta Costa (1994, p. 8, *apud* Prestes, op. cit.) quando afirma: “a pontuação é um dos elementos que contribui para a coesão das idéias, para a garantia de uma intencionalidade do autor e para a orientação do leitor”.

Prestes (op. cit.) apresenta posicionamentos de vários autores³: um trata da pontuação nas dimensões fônica, sintática, textual e enunciativa; outro enfatiza o objetivo da pontuação para dar ao leitor a ordem lógica do pensamento; outros se unem para dizer que a pontuação obedece a princípios sintáticos tradicionais, impulsos subjetivos e exigências da redação técnica.

Serafini (2004, p. 68) menciona a função da pontuação de subdividir o texto para facilitar a compreensão, afirmando ser difícil uma pontuação correta porque não somente as pausas e as mudanças da fala devem ser respeitadas, mas a estrutura frasal, em muitos casos. Ela afirma: “Muitas das dificuldades encontradas pelos estudantes no uso de uma pontuação correta estão relacionadas com a ausência de uma clara concepção da estrutura da frase.” A autora ainda menciona a existência dos diversos estilos como fator que dificulta o correto uso da pontuação, pois há pessoas que preferem longos períodos com variados sinais gráficos (vírgula, ponto-e-vírgula, parênteses etc.) e outras que fazem uso apenas do ponto porque preferem escrever textos breves.

Percebe-se que todas essas características dos sinais gráficos, advindas da função por eles exercidas ou requeridas, são postas a serviço dos escritores e leitores na tarefa do bem dizer e da completa compreensão do texto escrito.

Villela (1998 *apud* SANTOS, 2005, p. 176)⁴ apresenta a pontuação como estratégia utilizada durante o processo de interação, a fim de se dar pistas para a construção de sentidos, visto marcar os limites e a segmentação dos enunciados. Assim, para a autora, a pontuação faz parte de um jogo entre locutor e interlocutor, onde aquele deixa para o outro

um conjunto de pistas que o conduzem ao sentido pretendido por ele, autor. Ela afirma: “a pontuação é um elemento semântico dentro do texto, ela possui uma carga significativa de grande importância para quem envia a mensagem, que pensa com ela estar sendo mais expressivo com seu interlocutor”.

Conforme relato de Prestes (op. cit.), citando Passos⁵, a ausência constante da pontuação obscurece o texto e pode causar equívocos, mas ela concorda com Costa (*apud* Prestes, op. cit.) quando esta afirma que não observar as regras de pontuação pode causar mal-entendidos, mas também pode produzir efeitos criativos de valor artístico.

Sob essa ótica da criatividade, ressaltamos que os usuários de bate-papos informais na Internet conseguem realizar proezas usando ou omitindo sinais de pontuação, inclusive dando-lhes novas funções, conforme atestam Pereira e Moura (2005) nos dois enunciados a seguir:

....recursos como ponto de interrogação, de exclamação e reticências são utilizados, em excesso, pelos papeadores, com o objetivo de dar à escrita a entonação própria da fala.

(...) Utilizam também as teclas, como: os parênteses, os dois pontos, o ponto e vírgula, (...) que, conjugados (formam expressões de alegria, tristeza, abraços, beijos, sono, entre outras) são utilizados, pelos interlocutores, com o objetivo de representar, durante a dinâmica do diálogo que se trava, as manifestações discursivas que ocorrem normalmente numa situação de conversa oral face a face (sic).

Neste trabalho, entretanto, interessa-nos analisar as razões para a omissão desses sinais nos contextos normativos de uso e não nos de seu emprego criativo.

Pontuação no MSN

Como se sabe, os interlocutores dos bate-papos virtuais conversam *online* e a produção do diálogo se dá por escrito, via teclado do computador. Por conta disso, podemos dizer que essa atividade ganha uma nova dimensão, a de ser possível conversar calado ou de escrever a fala tal como ela se efetiva na interação face a face. Essa conversa por escrito envolve não apenas duas pessoas, mas é possível ser estabelecida com mais de dois interlocutores, o que no plano do contexto, segundo Bronckart (1999, p. 183), denomina-se dialogal (implica dois agentes) e poliilodal (implica mais de dois agentes), quanto ao número de agentes envolvidos na produção textual. O autor afirma, ainda: “As variantes de situação de

produção (monologal, dialogal, polilodal) exercem uma influência sobre o texto em seu conjunto”. Assim, pode-se dizer que a estrutura do MSN será influenciada por sua característica dia/polilodal. Baseando-se nessa informação, Santos (2005, p. 160) assim se posiciona ao tratar do *chat* (gênero a que se assemelha o MSN):

É como se tivéssemos uma conversa transcrita em tempo real (...) acrescentando-se a essa conversa elementos paralingüísticos (...) e o uso intenso dos sinais de pontuação, a fim de enfatizar o dito, numa tentativa de remediar/ substituindo a ausência de entonação.

Por ser uma estrutura dia/polilodal o *chat* apresenta uma alternância entre os enunciados que são, geralmente, bem curtos. Observe-se que a escrita do adolescente, nos *chats*, é marcada pela tentativa de reproduzir a forma como se pronunciam algumas palavras, sendo a escrita uma tentativa de representação da fala, respeitando-se elementos como saudação inicial e final, seqüência da conversa, lógica entre os conteúdos em pauta, coerência entre os tempos verbais etc.

De qualquer forma, impressiona-nos o fascínio dos jovens estudantes por essa nova forma de conversa usando os dedos (diferente do uso de LIBRAS⁶), escrevendo de maneira espontânea, fácil, sem restrições, sem medo e numa velocidade extraordinária que visa acompanhar o fluir das idéias. Acreditamos ser possível, inclusive, afirmar que, verdadeiramente, nessa interação de ‘teclapapear’ estamos diante de situações reais de uso da língua como algo inerente ao ser humano: vivo, dinâmico, ativo e evolutivo. Quanto a esse aspecto vale lembrar a afirmação de Marcuschi (2004, p. 63): ...”o que se tem, em termos lingüísticos, é uma linguagem escrita não monitorada, não submetida a revisões, expurgos ou correções. É uma linguagem em seu estado natural de produção.” Na verdade, o que se vê nas interações *on line* são características tanto da conversação face a face quanto da escrita, em se tratando do processo de produção e modo de processamento do texto, pois de acordo com Santos (op. cit. p. 157):

(...) o que se percebe é uma proximidade muito grande das estratégias da oralidade na formulação da escrita, tais como o descuido proposital com algumas regras que regem a escrita. Assim, como negar que a IOL imbrica características da fala e da escrita, sendo a escrita com condição de fala? Ora, se as condições de produção do gênero *chat* misturam

as modalidades fala/escrita, o texto que se lê numa interação on-line é escrito “falado”.

Além dessa característica de conversa teclada (oral/escrita), percebe-se nas formas utilizadas pelos internautas o forte desejo de chocar pela irreverência, e descontração, usando para isso um estilo arrojado, anárquico, às vezes, de desobediência às normas gramaticais, conforme menção de Santos (op. cit., p. 174):

... há um outro elemento que paira sobre a escrita do *chatter*, que é o desejo de parecer irreverente, descontraído, estiloso, modificando a norma em favor de um código próprio, mas não tão pessoal que impossibilite a comunicação com um interlocutor. A marca principal de sua escrita é sempre a tentativa de desobediência às normas gramaticais pré-estabelecidas no que diz respeito, principalmente, à ortografia, à pontuação expressiva e ao registro quase obrigatório da forma como se falam as palavras, elegendando uma escrita, muitas vezes, iconográfica e seguindo a ordem gramatical sujeito-verbo-predicado.

Resta saber até que ponto tais aspectos estão presentes de forma consciente (proposital) ou não nesse tipo de escrita e, portanto, nosso olhar atento recai no uso ou não da pontuação e às razões de sua omissão nesse ambiente interativo.

Metodologia

A análise de alguns dados colhidos numa pesquisa com usuários de sala de bate-papo virtual fundamentou o presente trabalho, cujo objetivo, dentre outros, foi analisar as razões para o uso ou não da pontuação, especificamente nos bate-papos do MSN. Para tanto, utilizamos o *orkut* como veículo de propagação de dois questionários: um que fornecesse dados sobre os participantes voluntários (sexo, idade, escolaridade etc.) e orientasse sobre a tarefa a ser cumprida (escrever algumas frases simulando um bate-papo) e outro que revelasse as razões para as respostas dadas na 1ª atividade.

A imediata aceitação do convite para participar, a prontidão na execução da tarefa e a rapidez no envio das respostas constituíram-se nos critérios para a escolha dos participantes da pesquisa.

De posse das respostas de nove participantes, fizemos um levantamento dos dados, os quais organizamos estatisticamente em gráficos, a fim de procedermos à descrição destes e à análise propriamente dita.

Análise de resultados

Com relação ao uso da pontuação, obtivemos os seguintes resultados: apenas 11% fazem uso constante, 22% não usam e 67% utilizam às vezes. Esses dados revelam que o uso da pontuação não é uma preocupação constante dos sujeitos entrevistados, mas não é de todo desprezado por eles.

A idéia de que não usar a pontuação não faz diferença foi a justificativa apresentada por dois sujeitos (22%) para a omissão da pontuação. Os que fazem uso inconstante (67%) distribuíram-se nas seguintes razões: 03 afirmaram que era pela pressa, 01 disse que não fazia diferença, 01 declarou que, se não usasse, o colega poderia não entender e 01 marcou a opção **outras**, porém não especificou a razão. A partir desses resultados, podemos inferir que a pontuação é um obstáculo à fluidez e, principalmente, à exposição das idéias. Dispensá-la torna-se, portanto, um mecanismo eficaz para agilizar o estabelecimento dos turnos conversacionais e o uso fica restrito às sentenças em que o entendimento do interlocutor pode ficar prejudicado.

Investigamos três fatores como determinantes para o uso ou omissão da pontuação, a saber: idade, escolaridade e frequência de uso.

a. **Idade** - 22% dos participantes são da faixa etária de até 15 anos, 45% estão na faixa de 16 a 20 anos, 22% na faixa de 21 a 30 anos e 11% estão acima de 31 anos.

Os dois sujeitos da faixa etária até 15 anos se posicionaram de forma diferente, pois um não faz uso da pontuação e o outro faz às vezes. A razão apontada para o não uso foi achar que não faz diferença e para o uso inconstante foi a pressa de teclar com muitas pessoas ao mesmo tempo.

Com relação ao segundo intervalo (16 a 20 anos), todos os sujeitos fazem uso da pontuação às vezes e as razões apontadas foram: não fazer diferença, por pressa e para facilitar a compreensão do interlocutor.

Os do terceiro intervalo (21 a 30 anos) também se posicionaram de forma diferente, pois um faz uso constante da pontuação e o outro não usa. A razão apresentada para o não uso foi a de que não faz diferença.

Quanto ao sujeito do último intervalo (acima de 31 anos), ele faz uso inconstante devido à pressa e para facilitar o entendimento dos outros parceiros de conversa.

Com base nesses dados, podemos concluir que o fator idade não influencia tanto no uso ou omissão da pontuação, pois o uso inconstante está presente em todas as faixas etárias. Porém, faz-se necessário mencionar o fato de que os sujeitos mais jovens (dos três primeiros intervalos) apontam como justificativa para a omissão da pontuação a idéia de que não faz diferença deixar de usá-la. Cabe-nos refletir: se não faz diferença para os que deixam de usar, parece que também não faz diferença para aqueles que recebem as mensagens sem os sinais de pontuação, pois, se fizesse, haveria confusão, reclamação, pedido de explicação e, com certeza, acarretaria mudança da atitude daqueles que omitem a pontuação. Além disso, o fato de achar que não faz diferença deixa evidente que, para eles, a pontuação não é tão importante e, finalmente, podemos indagar qual o sentido que aprendizes jovens dão para os sinais de pontuação.

b. **Escolaridade** - Os nove participantes da pesquisa estão situados nos seguintes níveis de escolaridade: 23% estão no Ensino Fundamental II, 22% ainda cursam o Ensino Médio, 22% já concluíram o Ensino Médio, mas não deram continuidade ao Ensino Superior, 22% estão no curso superior e apenas 11% estão num curso de Pós-graduação em nível de Mestrado. Dos alunos que cursam o Ensino Fundamental II, um faz uso da pontuação e o outro faz uso às vezes e, com exceção do aluno de Mestrado que faz uso constante da pontuação, todos os outros fazem uso inconstante (às vezes) da pontuação em seus bate-papos escritos.

Apesar dos poucos dados, podemos concluir: à medida que aumenta o nível de escolaridade, a tendência parece ser de uso mais constante da pontuação.

c. **Frequência de uso** - O intervalo de tempo em que houve predomínio (34%) foi entre 1 e 5 horas, sendo que a diferença entre este e os outros dois intervalos (de 6 a 10 horas e acima de 20 horas) foi de apenas um ponto percentual (33%).

O uso inconstante (às vezes) ocorre em todos os intervalos, com predomínio em dois deles. O uso de sim só ocorre no intervalo de menor período (de 1h a 5h) e no período acima de 20h ocorre somente uso inconstante da pontuação.

Os dados fundamentam a idéia de que o maior tempo de uso do MSN por semana acarreta preocupação em pontuar nos casos em que o entendimento do interlocutor pode ficar prejudicado. Constatamos isso pela justificativa apresentada por eles.

Considerações finais

Neste trabalho investigamos as razões para a omissão da pontuação nos textos escritos de bate-papos *online*, observando em que medida as variáveis idade, sexo, escolaridade e frequência de uso influenciam no uso ou omissão dos sinais de pontuação. Após o levantamento e análise dos dados coletados, chegamos às seguintes conclusões:

– As variáveis **sexo** e **idade** não se mostraram influentes sobre o uso ou a omissão da pontuação. Não há diferença significativa quanto ao uso ou não dos sinais gráficos por pessoas do sexo feminino ou do sexo masculino e tanto adolescentes quanto jovens e adultos omitem a pontuação ou fazem uso dela numa mesma proporção, não favorecendo qualquer indício de influência dessas variáveis.

– Quanto à **escolaridade**, notou-se a sua influência no uso da pontuação, pois constatou-se: quanto maior o nível de estudo do sujeito pesquisado, mais freqüente é o uso da pontuação em suas interações no MSN.

– No que respeita à variável **freqüência**, percebeu-se a sua nítida influência no uso inconstante da pontuação, visto que o maior tempo no MSN favorece o uso dos sinais de pontuação somente nas frases que podem não ser compreendidas pelo interlocutor.

Com base em todas essas afirmações, é possível afirmar que os internautas não se obrigam a usar constantemente os sinais gráficos de pontuação para estabelecer os sentidos de suas frases e, quando os utilizam, fazem-no com base numa preocupação com o entendimento de seu interlocutor. A pressa e o fato de achar que a pontuação não é necessária nos contextos interativos foram as razões apontadas para tal atitude e esse segundo motivo permite-nos refletir sobre a necessidade de um estudo mais cuidadoso, aprofundado e efetivo sobre a importância dada por eles à utilização dos sinais gráficos de pontuação.

Como essa amostra é pequena, as conclusões não são definitivas, carecendo de uma coleta com maior volume de dados, a fim de possibilitar um tratamento estatístico mais consistente.

Referências

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. - São Paulo: EDUC, 1999.

CÂMARA, Tania Maria Nunes de Lima. (UNISUAM) <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-17.html> acessado em 21/08/08

CEREJA, William Roberto. *Gramática: texto, reflexão e uso*/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. - São Paulo: Atual, 1998. p. 298.

MARCUSCHI, Luiz Antônio e Xavier, Antônio Carlos dos Santos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido* (orgs.). - Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PEREIRA, Ana Paula M. S. Pereira; MOURA, Mirtes Zoe da Silva. *A produção discursiva nas salas de bate-papo: formas e características processuais*. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org) **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *O ensino de pontuação em uma perspectiva textual*. Trabalho apresentado no VII Congresso Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, em agosto de 2003. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-08.html>, acesso em 11/08/08.

SANTOS, Else Martins dos. *Chat: e agora? Novas regras - Nova escrita*. In: **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**/ Carla Coscarelli, Ana Elisa Ribeiro (organizadoras). - Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. Trad. Maria Augusta Bastos de Matos; adaptação de Ana Maria Marcondes Garcia. - 12 ed. - São Paulo: Globo, 2004.

Notas

¹ **MSN Messenger**, programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation que permite um usuário da Internet se relacionar com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos “virtuais” e acompanhar quando eles entram e saem da rede. Ele foi fundido com o Windows Messenger e originou o Windows Live Messenger (atualmente é o mais usado no mundo com mais de 230 milhões de usuários. No Brasil, o serviço atinge mais de 75% dos usuários da internet, que significa mais de 34 milhões de usuários no país). Cf. Dados da Wikipédia, acesso em 21/08/08. Ver também o bate-papo ICQ (agendado) em Marcuschi e Xavier (2004).

² CATACH, Nina, ed. 1988. Traverses 43. Centre Georges Pompidou: Paris, p. 33,38.

³ Chacon (1998), Passos (1967), Carter e Nash (1995) Jones (1993) Monteiro (1991), Shaw (s.d.) Bas et al. (2001) Beltrão e Beltrão (1989) e outros. Remetemos à leitura do texto completo de Prestes (v. referências)

⁴ Villela, Ana Maria Nápoles. *Pontuação e Interação*. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Linguística da PUC-MG, 1998. (Dissertação de Mestrado)

⁵ PASSOS, Alexandre. *Arte de pontuar: notações sintáticas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.